



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

TRABALHANDO COM CRIANÇAS PEQUENAS EM UM CONTEXTO FAMILIAR: METODOLOGIA DA PESQUISA

Ana Lucia Castilhano
(UESB)³⁵⁷

RESUMO

Este texto tem como objetivo traçar os caminhos percorridos até o momento no trabalho de campo desenvolvido com crianças de 0 a 4 anos em uma ocupação em Vitória da Conquista - BA. A pesquisa trata de colocar as crianças em foco, suas vidas, sua realidade, em um contexto no qual elas ainda permanecem em suas casas, sob os cuidados de suas famílias. A discussão para compreender as infâncias destas crianças se ampara nos esforços da sociologia da infância, que pretende considerar a criança como objeto em si mesmo, deslocando a centralidade até o momento ocupada pela escola, família, políticas públicas e outras instâncias da sociedade. O processo de constituição desse objeto, na presente pesquisa, passou por etapas que serão descritas em seguida. Na verdade, foi um rastreamento dessa criança, inclusive como população de creche, a partir de dados oficiais até chegar ao interior de suas casas, com os objetivos de suas famílias.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo expor os procedimentos de entrada e início da pesquisa de campo desenvolvida, até o momento, com crianças de 0 a 4 anos, em uma ocupação³⁵⁸ em Vitória da Conquista-BA. A pesquisa trata de colocar as crianças em foco, suas vidas, sua realidade, em um contexto no qual elas ainda permanecem em suas casas, sob os cuidados de suas famílias. A discussão para

³⁵⁷ Professora Assistente UESB, doutoranda PPGE/ UFSCar e Bolsista PQI/CAPES.

³⁵⁸ Iniciada pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município e depois acrescida por outras famílias sem vínculo com este grupo.

compreender as infâncias³⁵⁹ dessas crianças se ampara nos esforços da Sociologia da infância, que pretende considerar a criança como objeto em si mesmo, deslocando a centralidade até o momento ocupada pela escola, família, políticas públicas e outras instâncias da sociedade.

A pesquisa aqui em discussão é oriunda da reflexão a respeito da criança que se encontra fora das instituições de educação infantil, a partir da revisão bibliográfica sobre criança pequena, em sua grande maioria, concentrada nos problemas e possibilidades da educação realizada em duas grandes vertentes: as políticas públicas e a educação.

A partir desta sistematização, em contato com os dados apresentados pelos autores que mostravam um quadro do atendimento à criança pequena no país, algumas definições quanto à população precisaram ser delineadas. Os sujeitos participantes da pesquisa seriam as crianças que estavam fora da creche, por falha das políticas públicas, e, portanto, crianças que dependiam dos serviços municipais de atendimento. O trabalho, então, se concentraria nas crianças oriundas de populações mais pobres³⁶⁰, e não nas crianças da chamada classe média, cujas opções familiares para o cuidado com suas crianças se pautam em um leque mais amplo que vai do auxílio de familiares e babás, até as creches e pré-escolas particulares.

Optamos também por, ao invés de realizar um levantamento quantitativo sobre a criança pequena fora da creche (porque também não há informações

³⁵⁹ É uma proposta da sociologia da infância considerar o processo de socialização da criança como submetido a diversos fatores, que vão desde o lugar, o território, até as questões subjetivas de lugar ocupado na prole familiar, experiências pessoais vividas pela criança, etc. Sendo assim, considera-se que, ao invés de falar de infância, abra-se a possibilidade de falar de “infâncias” trazendo à baila toda a diversidade e o contexto no qual cada infância termina sendo única.

³⁶⁰ Um dos conceitos chave para compreender o contexto de pessoas moradoras de periferias é o conceito de pobreza. No Brasil, há uma larga produção sobre isso, inclusive no âmbito dos estudos sobre a criança pequena. No entanto, diante dos objetivos desta pesquisa, optamos por não abordar o conceito de pobreza como categoria a priori de nosso estudo, em razão do significado do conceito não contribuir para entender a singularidade da criança pequena em seu ambiente doméstico.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

sistematizadas sobre isso)³⁶¹, realizar um estudo de aproximação e aprofundamento da vida diária das crianças, considerando, inclusive, o registro de sua realidade a partir do seu próprio ponto de vista.

As leituras realizadas em periódicos e nos anais do GT 7 (GT de Educação da Criança de 0 a 6 anos) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), ofereceram apoio e mostraram as direções possíveis para os rumos da pesquisa. A ANPEd é um excelente meio de interlocução para pesquisas, tanto na área da educação, como nos estudos da criança pequena de um modo geral. Considerando esta característica do GT 7, concentramos o levantamento bibliográfico nas publicações aí realizadas como forma de empreender a revisão da literatura sobre o tema e, ao mesmo tempo, pontuar questões de interlocução com a produção atual na área dos estudos sobre a criança pequena.

A partir da composição de um quadro da produção sobre as crianças que estão fora das instituições escolares, em particular, pontuando como os autores abordam a questão, procuramos situar o nosso estudo dentro desse contexto, em termos da discussão dos pontos e problemáticas comuns, e do avanço ou singularidade que ele poderia representar para o âmbito dos estudos sobre a criança pequena. Do ponto de vista da Sociologia da infância, importa ampliar as possibilidades de se ver a criança, para além da idéia de educação (formal e informal) que a tem trazido como coadjuvante dos processos de investigação. De acordo com a reflexão de Leena Alanen (2001), antes do projeto empreendido pela Sociologia da infância na década de 1980, havia, nos estudos sobre a criança, uma pseudo-inclusão, isto é, a criança não era uma preocupação genuína, mas o foco dos estudos era colocado naqueles que cuidam dela, trabalham com ela, ou nas instituições dentro das quais as crianças são incluídas.

Algumas definições tiveram que ser consideradas com vistas a atender aos objetivos propostos na pesquisa. O objetivo geral trata de conhecer, levantar dados

³⁶¹ Para compreender melhor o assunto, ver o estudo de Kappel, Carvalho e Kramer (2001).

sobre a criança pequena de uma comunidade de Vitória da Conquista-BA que está fora da educação infantil.

Alguns passos foram utilizados para definir um grupo de crianças para a pesquisa, uma vez que se tratava de uma proposta de aprofundamento baseada em dados qualitativos. Os passos ofereceram um quadro que não era conhecido antes do estudo exploratório que definiu os detalhes da pesquisa. Os critérios foram os seguintes: escolher crianças de 0 a 4 anos residentes em um bairro assistido por creche pública (municipal ou conveniada); definir o alcance do trabalho, se seria realizado em um bairro, em mais de um bairro, etc.

O estudo exploratório foi desenvolvido com o intuito de atender a alguns objetivos específicos desta pesquisa: sistematizar as informações sobre o atendimento das políticas públicas à criança pequena em Vitória da Conquista, como a demanda nas creches e os critérios de atendimento às crianças e suas famílias. O estudo exploratório foi iniciado com uma visita à Secretaria de Desenvolvimento Social, para uma coleta de informações sobre a situação dos bairros e creches em funcionamento.

Há, em Vitória da Conquista, 9 bairros com creches, somados a mais uma localidade na zona rural com atendimento pré-escolar. Embora existam, em algumas creches, serviços destinados ao atendimento a bebês e crianças de colo (na faixa de 0 a 2 anos), este serviço não é oferecido nas creches municipais.³⁶² As únicas creches que se dispõem a prestar atendimento a crianças nesta faixa etária, são as conveniadas. Uma delas, a Creche Bem Querer, que atende à população universitária e seus filhos pequenos. A outra, a Creche União e Força, criada a partir da reivindicação e organização do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, em vigência no ano de 1988 (ano de fundação da creche). Diante do objetivo geral da pesquisa (conhecer as crianças de 0 a 4 anos que estão fora da Educação Infantil, em uma população dependente das políticas públicas), a população estudada



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

deveria estar próxima de uma creche que atendesse a crianças na faixa de 0 a 2 anos. Por exclusão, as cercanias da Creche União e Força constituíam a área que se encaixava nos objetivos propostos.

Um outro objetivo da pesquisa era realizar um estudo da demanda por Educação Infantil no município, além de critérios de concessão de vagas e listas de espera (que mostrassem a relação entre o oferecimento de vagas por parte das creches e o contingente aproximado de famílias que registravam demanda pelo serviço público), considerando o contexto atual de entrada e permanência de crianças nas creches e pré-escolas públicas. Este levantamento da demanda e de critérios não poderia ser conseguido junto à Secretaria de Desenvolvimento Social, visto que ela não desenvolve uma política de recolher, discutir ou sistematizar dados de demanda e critérios e, por esta razão, foi necessário partir de uma visita com entrevistas junto a algumas creches.³⁶³ As entrevistas foram realizadas com as diretoras das creches, com anotações posteriores às informações.

A Creche União e Força foi uma das escolhidas para esta visita exploratória. As dirigentes da creche são mãe e filha, sendo que a filha cuida dos assuntos pedagógicos e da administração direta da creche, enquanto a mãe, D. Hilda,³⁶⁴ realiza um trabalho de assistência social ou relações públicas, cuidando de levantar doações, realizar contatos com empresários ou entidades, com a comunidade, famílias e com a Prefeitura. Nas entrevistas, era clara a divisão de tarefas: a filha (diretora) se encarregava de mostrar listas, números e dados sobre as crianças, enquanto a D. Hilda informava sobre as relações da instituição com o exterior.

³⁶² Dados da Secretaria de Desenvolvimento Social do município.

³⁶³ O levantamento da demanda e critérios foi feito por amostra, e incluiu 9 creches, sendo 5 conveniadas e 4 municipais (Vitória da Conquista conta com 18 creches públicas, sendo 9 conveniadas e 9 municipais).

³⁶⁴ Os nomes das pessoas não são fictícios. Consideramos que este pode ser um veículo para mostrar o trabalho e o modo de vida das pessoas tornando-as visíveis. Deste modo, sua identidade não foi omitida.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

A Creche União e Força presta atendimento aos bairros: Candeias, Conquistinha, Recreio e Alto da Boa Vista. Por informação de D. Hilda, fiquei sabendo da ocupação localizada no fim da Rua São Luís, onde se situa a Creche. O fim da rua vai dar nos portões da estação de tratamento de esgoto da região: a Lagoa de Decantação da EMBASA (Empresa Baiana de Água e Saneamento). Seguindo por um caminho de terra em meio ao mato que circunda a lagoa, vemos, ao alto, as casas da ocupação e a escadaria que leva até ela.

Ao invés de escolher um dos bairros acima para realizar o levantamento dos dados, detive-me na ocupação situada a, aproximadamente, 600 metros da creche, na subida para o Alto da Boa Vista. Esta ocupação possui uma série de características importantes para considerá-la como apropriada para o desenvolvimento da pesquisa em questão.

A comunidade, assim como a creche, surgiram a partir de um movimento de trabalhadores rurais no ano de 1988. Havia, na área do Alto da Boa Vista, algumas pessoas que se encontravam empregadas em chácaras e sítios,³⁶⁵ algumas delas imigrantes das áreas rurais para a zona urbana do município. Outras pessoas faziam parte de fazendas e sítios da área rural próxima, conhecida como Santa Marta. Os objetivos do sindicato incluíam a organização de uma creche para os filhos dos servidores e a ocupação de uma área, com moradias, próxima ao local de trabalho, que se sabia ser pertencente à Prefeitura.

Este grupo de pessoas (que mais tarde acabou se mostrando mais heterogêneo do que alguns gostariam, uma vez que as ocupações não se restringiram ao grupo de pessoas que encabeçavam o movimento) conseguiu, ao longo destes 18 anos de existência da comunidade, criar uma situação de permanência estável, apesar das lutas empreendidas pelos proprietários de imóveis e casas comerciais do bairro e pela própria Prefeitura Municipal.

³⁶⁵ Esta ainda é uma característica do Alto da Boa Vista: a aparência rural, as propriedades grandes, a extensa área desocupada, a presença de cavalos, etc.

Após entrar em contato com a Creche União e Força, o estudo exploratório foi concentrado na identificação das crianças de 0 a 4 anos que se encontravam fora da creche, como também o modo pelo qual viviam suas famílias. Esta etapa exploratória se deu após o primeiro contato com a comunidade, que estou considerando como a entrada em campo. Então, após passear informalmente pela comunidade em um primeiro contato com os moradores, iniciei os procedimentos de coleta de informações sobre as famílias. Esta coleta foi realizada batendo nas portas para, por meio das informações concedidas por um membro da família, preencher uma ficha com dados sobre: número de pessoas residentes na casa, idade e ocupação dessas pessoas, número de crianças, idade, crianças de 0 a 4 anos e creche (se estas freqüentavam alguma instituição e qual seria).

Até realizar um mapeamento da ocupação por meio deste material, não havia como estabelecer o número de crianças ingressas em creches ou pré-escolas, a não ser por um ou dois casos identificados, logo no início, por meio das conversas com os adolescentes. A partir das fichas foram encontradas as crianças de 0 a 4 anos que não se encontravam nas creches. O procedimento seguinte foi entrar em contato com as respectivas famílias objetivando conseguir a autorização dos responsáveis para iniciar o estudo em suas casas. Estes procedimentos e mais o detalhamento metodológico da pesquisa com as crianças estão descritos a seguir.

Serão organizados e descritos em dois itens: os procedimentos com as famílias e os procedimentos com as crianças. A finalidade desta divisão é simplesmente didática, uma vez que os contatos com as crianças e seus familiares têm sido realizados em conjunto.

William Corsaro (2005) sugere aos pesquisadores a produção de uma documentação de entrada, aceitação e participação das crianças no processo de pesquisa. Para o autor, a preocupação seria com os efeitos que as práticas rotineiras de coleta de dados têm nas culturas locais. Por meio da documentação se poderia visualizar melhor esses efeitos.

É possível dizer que a entrada em campo foi o momento mais delicado desta parte da pesquisa. As leituras, grande parte delas na área da antropologia, ajudaram muito a desfazer expectativas, reforçar o cuidado na abordagem e na condução do processo com as famílias e as crianças.

O sistema de contato com as escolas e creches é algo facilitado pela própria situação das instituições e, para o pesquisador, trata-se praticamente de estabelecer o *rapport* com diretor (a), coordenador (a) e professor (a) para garantir a entrada em campo. No caso do estudo com famílias, este *rapport* se dá em cada lugar, em cada residência, de forma única, de acordo com a comunicação que pode ser estabelecida com as pessoas. É importante observar que se trata da casa delas, não de um local de trabalho onde existem profissionais atuando com crianças (como é o caso das creches e pré-escolas). Assim, a cada contato, tem-se um novo processo de chegada, estabelecimento de contratos e regras e assim por diante. A manutenção do contato é importante porque se trata de uma situação na qual o pesquisador retorna à casa das famílias por semanas e meses. Os vínculos são feitos em bases delicadas e estreitas.

Após informação de D. Hilda, sobre algumas pessoas que pudessem servir de ponte para empreender a entrada na comunidade (os chamados “porteiros” nas pesquisas de campo em comunidades, que levam o pesquisador até seus sujeitos ou atores sociais), dirigi-me à rua principal em um dia de domingo, com meu filho de 10 anos³⁶⁶. Este primeiro contato foi definido a partir de conversas com pesquisadores experientes em pesquisas de campo desta natureza. A finalidade seria humanizar o contato, de entrar na comunidade na companhia de uma criança, favorecendo a proximidade, inclusive, com as crianças do lugar. De fato, considero que foi uma decisão acertada, pois as pessoas com as quais conversei perguntaram

³⁶⁶ Que também utilizei como assistente de pesquisa no contato com as crianças. Este procedimento está descrito mais adiante, no item metodologia com as crianças.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

sobre meu filho e isso serviu para “quebrar o gelo” da presença de uma pessoa estranha a fazer perguntas na comunidade sobre suas crianças.

A escolha de um dia de domingo (um belo domingo de sol) nos colocou no centro da comunidade com os moradores nas ruas, inclusive os trabalhadores, que se ausentam durante toda a semana³⁶⁷. Praticamente, todos os moradores da comunidade, entre 20 e 40 anos, possuem parentes na vizinhança. Por isso, nas manhãs de domingo as ruas ficam cheias de adultos e jovens, muitos deles acompanhados de crianças, transitando de uma casa a outra.

Muitas portas ficam abertas deixando escapar risos, conversas, música e por vezes, crianças.³⁶⁸ Conversamos com os jovens, explicando a pesquisa e a sua finalidade. O domingo foi um dia ideal para entrar na comunidade, quando as pessoas estão mais à vontade, recebendo e fazendo visitas, caminhando pela rua, com suas portas abertas e o cheiro de comida, além da música alcançando a rua.

Em uma das casas por onde passamos perguntando pelos moradores e crianças, uma senhora convidou-nos a entrar.³⁶⁹ Sentamos em sua sala, acompanhados de sua filha de sete anos.

Desde este primeiro contato foram utilizados os nomes dos moradores, com quem o contato já era estabelecido, como referência, inclusive o de D. Hilda, para obter informações e facilitar o contato com as famílias.

³⁶⁷ Há alguns trabalhadores que trabalham em outros municípios ou na zona rural de Vitória da Conquista, e que não são encontrados nos dias e horários comerciais. Há também um número significativo de aposentados e idosos na comunidade.

³⁶⁸ As crianças pequenas que saem das casas desacompanhadas pertencem às mesmas famílias, isto é, são minoria na comunidade, cuja maioria exerce grande controle sobre o trânsito e a permanência das crianças no espaço público.

³⁶⁹ Esta comunidade traz características da zona rural baiana, inclusive em seu comportamento para com pessoas estranhas. Neste caso, ao parar esta senhora na porta de sua casa em busca de

MATERIAL E MÉTODOS

Os instrumentos de pesquisa selecionados para esta investigação são utilizados para registro de informações e para contatos com as crianças, como metodologia mais específica para a sua faixa etária. Em razão disso, foi estabelecida uma certa diferenciação entre levantamento de dados com as famílias e a comunidade e o trabalho de contato com a criança.

Os contatos com a comunidade foram registrados por meio de diários de campo, porque não era desejado criar inibições por meio de anotações realizadas diante das pessoas (tampouco gravar as nossas conversas)³⁷⁰. Os contatos foram mantidos de maneira informal, com o objetivo de quebrar a resistência e a distância, além de estabelecer uma boa relação entre o pesquisador e os pesquisados ou sujeitos da pesquisa.

Foram utilizados, até o momento, os seguintes instrumentos:

- Fichas de estudo exploratório (usadas em todas as casas da ocupação) com informações sobre as crianças.
- Diários de Campo.
- Carta de esclarecimento /Autorização por escrito.
- Gravador de voz.
- Filmadora e máquina fotográfica.
- Material de produção gráfica e artística com as crianças: lápis, papel, tintas, glitter, hidrocor, massa de modelar, bolas coloridas, etc.

O levantamento dos dados com as famílias está sendo feito com base nas observações e entrevistas abertas³⁷¹ que informam sobre a rotina de vida e estratégias de sobrevivência familiar e de organização da vida das crianças. Neste

informações, ela me chamou: "Vamos chegar". E, dando dois passos para dentro da casa, levou-me a conversar em sua sala.

³⁷⁰ Embora, atualmente, eu não descarte essa possibilidade.

³⁷¹ Registrados em diários de campo.

caso, trata-se de coletar, junto às famílias, informações que possam configurar como um contexto no qual a criança pode ser compreendida.

Pertence às famílias a responsabilidade legal de escolher se a entrada de um pesquisador em suas casas é conveniente para seus filhos, para eles próprios, e, por isso, seus membros adultos exercem uma função de mediadores entre a pesquisadora e as crianças. Este é um ponto, aliás, ao qual sempre retornamos nas reflexões sobre a pesquisa. Ainda que as famílias mostrem indícios dos motivos que as fazem aceitar participar da pesquisa, a entrada em suas casas (e, evidentemente, boa parte está amparada no tipo de *rapport* estabelecido logo no primeiro encontro, assim como ao modo de apresentação a eles),³⁷² sempre há um hiato difícil de ser plenamente preenchido, em termos do que eles esperam dessa relação.

Os contatos foram iniciados com a comunidade, em novembro de 2005. Neste período, as crianças não foram todas contatadas ao mesmo tempo, sendo que o processo foi iniciado com aquelas que foram mais fáceis de serem localizadas e cujas famílias logo consentiram no trabalho.

De fato, alguns grupos familiares (e há vários deles na comunidade) são mais resistentes à presença de estranhos cujos motivos (neste caso, os objetivos da pesquisa e a presença de uma pesquisadora no local) acabam não sendo muito claros para eles. Na carta entregue às famílias solicitando autorização por escrito para “trabalhar” com as crianças, o texto traz a possibilidade de desistência como decisão que pode ser tomada a qualquer momento em que julgar conveniente.

Observa-se como a informação sobre a presença de uma pesquisadora na comunidade tem funcionado como “cartão de visitas” para as demais famílias. Praticamente todos se conhecem nesta comunidade³⁷³. Mesmo que não se

³⁷² Estou preocupada com algum tipo de garantia para eles de que sou confiável, considerando que proponho uma relação estreita com suas crianças ainda muito pequenas. Por isso, normalmente ofereço minhas credenciais como professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

³⁷³ Frequentemente os moradores não identificam outros pelo nome de batismo, mas pelo apelido.

conheçam os mais jovens, pode-se perceber que os mais velhos, em geral, são conhecidos por quase todos.

Consideramos a construção da metodologia desta pesquisa (que ainda está em andamento) algo feito em conjunto com as famílias, particularmente com as crianças, sendo por vezes, necessário fazer alguma alteração por conveniência deles, ou ouvi-los quanto às suas expectativas.

Além disso, a bibliografia na área da Sociologia da infância tem oferecido suporte para considerar os limites e possibilidades de um trabalho desta natureza, o qual traz uma série de desafios a serem considerados e vencidos. A maioria deles refere-se ao próprio objeto infância e às recentes proposições teóricas e metodológicas³⁷⁴, assim como à idade das crianças (sempre um ponto importante a ser considerado, seja neste estudo em particular, seja nos demais).

Consideramos especialmente as orientações de William Corsaro (2005) a respeito das variações metodológicas dos pesquisadores citados em seu texto, sempre tendo como perspectiva o alcance das idéias das crianças sobre a realidade. Os exemplos do que Corsaro (2005,p.55) chama de métodos não tradicionais apontam para a necessidade de os pesquisadores considerarem a criatividade nas abordagens metodológicas com crianças, tendo como objetivo o registro de seu ponto de vista da realidade. Baseando-me em idéias que encorajam as crianças a apresentar suas imagens e representações sobre suas vidas (citação de Bendelow, in Corsaro, 2005) e nas proposições de Hecht, Alderson e Ferguson (citados por Corsaro, 2005, p.55), que utilizam crianças como assistentes de pesquisa e informantes, ajudando as investigações em entrevistas, compreensão da cultura local das crianças e análise dos dados.

Este foi um recurso utilizado no contato com as crianças da comunidade do Alto da Boa Vista. Gabriel, de 11 anos, foi levado para contato com as crianças com a função de “brincar” com elas, fazer filmagens e fotos. As crianças de fato se



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

mostram mais à vontade em sua presença, aparentemente, fazendo mais “criancices” para ele e junto com ele, enquanto que comigo elas, muitas vezes, se detêm mais. O assistente de pesquisa também inventou novas formas de utilizar os instrumentos imprimindo a sua visão de mundo diferenciada da do adulto.

Os contatos com as famílias foram iniciados com a finalidade de obter permissão para entrar em suas casas e ter acesso às suas crianças. Esta etapa ocorreu sem o assistente de pesquisa. Parte das crianças interagiu nas primeiras visitas, e parte delas ignorava ou se recusava a falar com aquela pessoa estranha em seu meio. Foi um procedimento corrente iniciar conversa com as crianças, inclusive esclarecendo-as sobre qualquer ponto da proposta, deixando em aberto a possibilidade de aceitar ou recusar as visitas. No entanto, nunca foi adotado o procedimento de insistir ou forçá-las a, por exemplo, olhar para mim, mesmo quando me dirigia a elas.

Podemos dizer que a maioria dos contatos iniciais teve a família como foco predominante e isto incluiu a criança. Nestes contatos, a família se posicionava diante de pontos considerados importantes, e era-lhes explicado o trabalho de forma mais detalhada. Reconhecemos a possibilidade de que a família, para aceitar participar do estudo, considerasse as possibilidades de alguma contrapartida, ainda que isso não fique tão claro.

Após o consentimento das famílias, marcamos as visitas. A família foi instruída a estabelecer um dia e horário de acordo com a sua conveniência. Com este procedimento, torna-se mais cômodo para todos na medida em que a família pode optar pela participação de irmãos das crianças participantes, momentos em que toda a família está presente, ou mesmo momentos em que o pai não se encontra em casa. Além disso, na decisão ou proposta da família já se pode, também, perceber motivações ou sinais da própria organização familiar.

³⁷⁴ Que estão sendo construídas a partir dos esforços dos pesquisadores em todo o mundo.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

Nos primeiros contatos, há um processo no qual a criança aceita o pesquisador em seu espaço, assim como este deve procurar se adaptar às suas condições (familiares inclusive). Isso é importante e determina o envolvimento com o trabalho, ainda que a partir de objetivos diferenciados. Os objetivos do grupo familiar transparecem na forma como procuram organizar o espaço para receber o pesquisador, no modo como arrumam as crianças e na maneira como interpretam o que fazemos e propõem atividades³⁷⁵. Por esta razão, este é um ponto sensível do contato entre pesquisador/família.

Estas crianças não são encontradas nas ruas. São crianças domésticas, que ainda são mantidas no centro das famílias, no cuidado desprendido aos bebês ou a crianças bem pequenas.

Este é um ponto importante a ser considerado diante de qualquer proposta metodológica: a família estará presente e ela é parte do mundo da criança.

Quanto aos tipos de atividades desenvolvidos com as crianças, cabe aqui ressaltar o apoio nas proposições da Sociologia da infância, em especial no que ela apresenta como possibilidade de, ao se tentar abrir o espaço para a visão da criança, o pesquisador encarar o desafio da não diretividade metodológica em alguns momentos. Esta é a perspectiva relatada por Corsaro (2005), Delgado (2005), Ferreira (2002), segundo a qual as crianças podem ser consideradas como co-participantes da pesquisa. Ainda que haja limites para esta possibilidade, no caso da criança menor de 5 anos (embora não se possa saber com clareza se a limitação é da criança ou das metodologias atuais de pesquisa com crianças), vale a pena considerar a construção do processo no campo científico, sendo importante salientar o caráter experimental (no sentido de experimentação, de tentativas) das pesquisas com crianças pequenas e suas famílias.

³⁷⁵ Um exemplo deste tipo de situação pode ser acompanhado em alguns diários de campo, nos quais pode-se destacar situações em que a família leva a criança à mesa e sugere francamente que ela faça atividades com caráter escolar. As famílias de Geovane, de Rebeca e Rodrigo, são as que mais agem nesta linha. Entretanto, o modo como realizam esta "indução" é muito diferente.

A metodologia proposta prevê sempre alterações ou sugestões das famílias ou das crianças. No entanto, sempre são dispostos material para grafismo, desenho e pintura, assim como os aparelhos para registro (câmera de filmagem e fotos e gravador de voz).³⁷⁶ Apesar de considerar sempre o registro de seus modos de brincar e seu cotidiano como extremamente valioso, algumas crianças não se mostram receptivas à idéia de brincar, por exemplo, com seu próprio material cultural, com seus brinquedos, seus objetos. Outras ainda terminam trazendo seus objetos espontaneamente.

Há crianças que nunca solicitaram o uso do material para grafismo, sendo as atividades sempre ligadas a conversas, brincadeiras (boa parte delas com a câmera) e apresentação de seus brinquedos, em que elas mostram como funcionam, como é possível brincar com eles e “fazê-los funcionar”.³⁷⁷ Existe sempre o risco de levar visões e contextos que não sejam os das crianças, mas o limite é algo sempre tênue ou afetado pela própria necessidade de realizar os registros.

Como opção metodológica, consideramos fundamental, ainda, registrar a inclusão dos irmãos das crianças participantes da pesquisa, ainda que não façam parte do grupo que está fora das creches e pré-escolas. Ao estabelecer contato com as famílias de Geovane e Lorena, algumas contingências surgiram. No caso de Geovane, por solicitação da mãe das crianças, as visitas foram marcadas para os dias de domingo, para que os dois irmãos que freqüentam creche pudessem participar. A família reconhece que as visitas são para Geovane, mas querem participar, e a idéia inicial de fazer alguns registros das crianças brincando juntas

³⁷⁶ No caso das crianças pequenas, a preferência é pelas imagens (fotos e vídeos). Não houve, ainda, interesse particular destas crianças na gravação e reprodução de suas vozes.

³⁷⁷ Neste ponto é bom lembrar que se trata de crianças cujos brinquedos apresentam, em geral, defeitos, sendo muitos deles doados já quebrados. Boa parte dos brinquedos são, na verdade, peças, pedaços de brinquedos. Muitas vezes, a criança nem conhece o modo “oficial” de utilizá-lo, do modo como foi planejado em sua fabricação.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

terminou evoluindo para o registro de diários de campo em que estão presentes as três crianças.

No caso de Lorena, embora sua mãe não tenha solicitado diretamente que incluísse seu irmão no trabalho, marcou³⁷⁸ as visitas às crianças para os sábados à tarde. Então, em todas as visitas feitas a Lorena, Herbert (seu irmão) estava presente. Consideramos esse procedimento como um acordo mútuo entre a pesquisadora e a família, assim como um reconhecimento da impossibilidade de se isolar crianças de uma mesma família para se realizar um estudo desta natureza.

No momento, o estudo de campo se encontra em andamento, partindo para o contato com os bebês abaixo de 1 ano. A direção do trabalho, se não pode ser delegada completamente às crianças, tem interferência direta de suas famílias³⁷⁹. Em razão da aproximação metodológica com a proposta da Sociologia da infância, as interferências quanto à postura familiar com os pequenos são as mínimas possíveis, inclusive no campo do material a ser levado para as crianças.

O material que contém os registros são constantemente verificados, lidos, vistos, como indica Bernard Lahire (2004) em seu trabalho sobre famílias. Este procedimento ajuda no processo de compreensão da realidade, em especial dos pontos que podem passar sem serem notados.

A dificuldade em ultrapassar fronteiras pré-estabelecidas (ou quem sabe permanentes) faz do estudo com a criança algo que é sempre um desafio e demanda um constante compartilhar de experiências entre os pesquisadores. No caso específico de Sociologia da infância com sua proposta de destacar a criança como objeto científico pleno, torna-se importante o cuidado em construir um aporte teórico que explique particularidades da realidade infantil, assim como metodologias possíveis de acompanhar estes diversos mundos da infância.

³⁷⁸ As famílias é que marcam o dia e horário para as visitas. Com isso, pretendo deixá-las mais à vontade para me receber em momentos que consideram adequados.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

Neste texto, procuramos mostrar pontos que consideramos importantes no contexto infantil da comunidade estudada. Esta é uma característica de nossa sociedade: a criança é um indivíduo cercado por instituições, medidas legais de proteção e, no caso da criança pequena, barreiras físicas (muros, paredes, casas, o corpo do adulto). Este “cerco” possui um componente de socialização e formação de subjetividade que se torna, especialmente no caso dos muito pequenos, um ponto fundamental na busca por uma interlocução teórica ou no âmbito das alternativas metodológicas que nos possibilitam alcançar estas pessoas.

Finalmente, é importante ressaltar que embora a pesquisa em questão tenha em sua proposta metodológica um conteúdo de experimentação na abordagem com a criança, muito do que é produzido e publicado sobre a experiência de outros pesquisadores nesta área tem se revelado de extrema valia, tanto para apontar procedimentos passíveis de acerto, como para iniciar um diálogo sobre as infâncias na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- ALANEN, Leena. Estudos feministas/ estudos da infância: paralelos, ligações e perspectivas. In: Castro, Lucia Rabello de. (org.). *Crianças e jovens na construção da cultura*. 1. ed. Rio de Janeiro: NAU Editora. FAPERJ, 2001.
- CORSARO, William. *The Sociology of Childhood- sociology of a new century*. 2nd ed. Califórnia: Pine Forge Press. USA, 2005.
- _____. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. *Educação e Sociedade*. Campinas-SP, vol.26, nº 91. Maio/Ago 2005. p. 443-464.

³⁷⁹ Os membros das famílias que acompanham as crianças (mães ou avós, na maioria dos casos) frequentemente interferem no processo em duas circunstâncias: tentando garantir que a criança tenha um comportamento educado, e ensinado-as sobre como agir com o material disponível.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. Abordagens etnográficas nas pesquisas com crianças e suas culturas. *28ª Reunião Anual da ANPEd. GT: Educação da Criança de 0 a 6 anos*. Caxambu, outubro, 2005.

FERREIRA, Manuela. Criança tem voz própria (pelo menos para a Sociologia da Infância). Entrevista concedida a Ricardo Jorge Costa em agosto de 2002. *Jornal A Pagina*. Site: www.apagina.pt. Acessado em 20 de fevereiro de 2006.

KAPPEL, Maria Dolores, CARVALHO, Maria Cristina, KRAMER, Sônia. *Perfil das crianças de 0 a 6 anos que freqüentam creches, pré-escolas e escolas: uma análise dos resultados da Pesquisa sobre Padrões de Vida/IBGE*. Revista Brasileira de Educação. São Paulo: Autores Associados. Jan.- abril 2001, nº 16.